



MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA AO PODER PASTORAL NA IDADE MÉDIA

(Resistance movements to the pastoral power in the Middle Ages)

Maurino Marques Nascimento Junior

Mestrando em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Graduado em Teologia pela Faculdade de Teologia Metodista Livre

Graduado em Matemática pela Universidade de Santo Amaro

E-mail: maurino.marques@hotmail.com

RESUMO

A chamada Idade Média foi um tempo marcado pelo surgimento de movimentos de resistência que tiveram como característica principal e comum se opor à postura adotada pela Igreja Católica Romana durante este período da história. O objetivo deste trabalho de pesquisa é levantar as principais características do clero neste período, bem como identificar quais foram esses movimentos de resistência e suas bases teológicas. O método adotado aqui é a pesquisa em material bibliográfico, estabelecendo como base principal, notadamente, os escritos do teólogo José Comblin, que produziu vasto material sobre este assunto. Como resultado deste trabalho, pôde-se constatar que esses movimentos ocorreram de forma profusa. Além disso, ficou evidente, no resultado da pesquisa, que a centralização do poder, o enriquecimento e a desatenção à realidade dos pobres, todos estes traços marcantes no comportamento da Igreja Católica no período, foram elementos que se constituíram na principal causa do surgimento de tais movimentos.

Palavras-chave: Clero; Poder; Resistência; Movimento; Comblin.

ABSTRACT

The called Middle Ages was a time marked by the outbreak of resistance movements which had as main and common characteristic the opposition to the stance adopted by the Roman Catholic Church during this period of history. The target of this research is to identify the main features of the clergy in this period, as well as identify what were these resistance movements and their theological basis. The method adopted here is to search for bibliographical material, establishing as the main base, notably the writings of the theologian José Comblin, who produced vast material on this issue. As result of this work, it could be detected that these movements occurred in a profuse way. Over that, it was also evident in this search result that power centralization, enrichment and inattention to the reality of the poor, all these outstanding features in the behavior of the Catholic Church in the period were elements that constituted the main cause of the outbreak of such movements.

Keywords: Clergy; Power; Resistance; Movement; Comblin.

INTRODUÇÃO

Os movimentos surgidos na Idade Média, nomeados como “contra conduta” ou proféticos, tiveram o propósito de antepor uma resistência à forma como a Igreja conduzia as questões da fé cristã. O regime de governabilidade personificado no poder pastoral estabelecia uma forma de controle abrangente na questão do comportamento dos fiéis. Além disso, os desmandos do



clero em questões ligadas à riqueza e ao poder configuravam uma realidade distante dos princípios do Evangelho, o que veio a fomentar tais movimentos.

Pautado por esta realidade e pela importância de compreendê-la mais profundamente é que este trabalho foi desenvolvido. Adotou-se como objetivo principal explorar como era detalhadamente a estrutura e o comportamento do clero nesse período, bem como desenvolver uma pesquisa que trouxesse uma compreensão de alguns dos principais movimentos de resistência surgidos nesses tempos.

A metodologia adotada foi a da pesquisa bibliográfica, voltada prioritariamente para os escritos do teólogo José Comblin, que desenvolveu importante trabalho de avaliação desta questão em seus escritos.

A pesquisa foi desenvolvida com estrutura que respeitou a abordagem do tema em duas partes principais. No primeiro capítulo desenvolveu-se uma avaliação da postura da Igreja no aspecto da institucionalização, o que refletiu uma centralização de poder, detenção da verdade e riqueza do clero. Já no segundo capítulo buscou-se um detalhamento dos principais movimentos surgidos, sempre tentando focá-los sob o aspecto do conteúdo teológico, derivado da ação do Espírito Santo que motivou a profecia.

1. CARACTERÍSTICAS DO CLERO NA IDADE MÉDIA

Uma visão histórica da Igreja como instituição é de grande valia para que se possa compreender melhor a forma como a própria Igreja esteve posicionada nessa questão, mais especificamente no período da Idade Média. Dois aspectos merecem ser destacados: o primeiro deles diz respeito às características da estrutura da Igreja na época e, o segundo, toca na questão das influências sofridas pela Igreja que moldaram essa estrutura.

A exemplo da Igreja primitiva, no início as estruturas da Igreja eram muito simples e flexíveis, não havendo muita coisa pré-estabelecida. A história fez crescer esta estrutura, muitas vezes até inconscientemente, para responder às necessidades conforme estas surgiam¹.

Sem dúvida, a instituição Igreja, na forma como evoluiu, não deu muita atenção à mensagem do Novo Testamento, e sim introduziu estruturas do Antigo Testamento, tais como: sacerdócio, templo, altar e sacrifício. A influência de estruturas de organização da sociedade romana, bem como a adoção do sistema episcopal, também foram determinantes para a forma como a Igreja deu seus passos para evoluir em seu modelo de atuação².

A instituição Igreja que se encontrará na Idade Média tem como seu principal ponto de partida o evento que alguns chamaram de Revolução Gregoriana, ocorrida entre 1054 e 1086, derivada do nome de Gregório VII, seu principal artífice. O grande propósito foi a libertação do Papa da dependência imperial e, ao mesmo tempo, a independência do clero, bispos e presbíteros em relação ao poder do imperador e dos príncipes. O clero formou-se justamente como classe social e como poder na sociedade cristã a partir dessa revolução.

¹ COMBLIN, José. *O povo de Deus e a instituição. O povo de Deus*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2002, p.354.

² Ibid, p.355.



No final do século XIII, o Papa e o clero já eram uma potência tão grande que os povos já não sabiam mais decidir qual era o mais temível: o poder do clero, encabeçado pelo Papa, ou o poder do imperador e dos reis³.

Comblin oferece um detalhamento importante sobre a questão:

Na Idade Média não havia eclesiologia, pois o que nós chamamos hoje de “Igreja” não existia como instituição. A igreja era todo o povo de Deus, que coincidia com a “sociedade cristã”, a cristandade. Dentro da cristandade estava o Papa e o Imperador, os bispos e os príncipes, os mosteiros e as cidades livres, as universidades e os mendicantes. Tudo isso era a Igreja. O poder imperial do Papa exercia-se tanto nos sacramentos como na cruzada, na luta contra as heresias e na canonização dos santos. Tudo era uma coisa só.

Tudo era de estrutura imperial: o poder do papa deriva diretamente de Deus sem participação nenhuma do povo. O povo recebe os benefícios que a hierarquia lhe confere. O povo é passivo e o clero é ativo, porque toda atividade vem de cima para baixo. (Vocação para Liberdade. pp.111,112)

Em linha com suas próprias afirmações, Comblin destaca que o caráter mais fundamental desta fase foi a coexistência de dois níveis na Igreja: a Igreja de cima e a Igreja de baixo. A Igreja de cima é o clero. A Igreja de baixo são os leigos⁴. Isto fazia da Igreja uma entidade controlada por uma administração central, que não era controlada, mas ao contrário, controlava tudo, imersa em regras de burocracia, sem outra finalidade real que não fosse a sua perpetuação e o crescimento do seu próprio poder⁵.

Numa referência mais específica aos papas, denotando a grande ênfase na centralização de poder, constata-se que no século XIII eles puderam exercer esta espécie de função imperial sobre toda a cristandade, sendo que o clímax do estabelecimento deste poder imperial se deu com a bula *Unam Sanctam* de Bonifácio VII, o papa mais imperial da história (1294-1303). A bula terminava proclamando que “a submissão ao Romano Pontífice é necessária para a salvação: é o que declaramos, dizemos e definimos”⁶.

A afirmação decorrente do Concílio de Florença, em 1442, caracteriza de forma bastante clara a centralização e a visão de poder exclusivo que a Igreja Católica se atribuiu, agora não somente na figura do Pontífice, mas nela mesma como instituição.

Em 1442, o Concilio de Florença disse que: “Crê firmemente, professa e prega que ninguém que esteja fora da Igreja Católica, não somente os pagãos, mas os judeus, os hereges e os cismáticos, podem tornar-se participantes da vida eterna; mas eles irão para o fogo eterno que foi preparado para o diabo e seus anjos”. (*Quais os desafios dos temas teológicos atuais?* p.32).

Na visão de Foucault estava estabelecido na Igreja um regime de governabilidade que, através de metodologias próprias, procurou regulamentar a conduta dos cidadãos. O poder deste regime será exercido através de um modelo próprio de governo, o pastorado, que vai durar do

³ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*. São Paulo: Paulus, 1998, p.103

⁴ Ibid, p.99

⁵ COMBLIN, José. *Quais os desafios dos temas teológicos atuais*. São Paulo: Paulus, 2005, p.57.

⁶ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*. São Paulo: Paulus, 1998, p.107.



século III até o século XVI⁷. Neste contexto, a principal característica das ovelhas será a obediência, submissão à autoridade do pastor. Nesta lógica de poder, o indivíduo simplesmente não é, não possui vontade própria. A partir do momento em que as ovelhas não aceitam mais este tipo de regime, surge então a crise deste.

Foi assim que ao longo da história surgiram movimentos de resistência que não queriam mais estar sob o exercício de tal modelo de governabilidade. Como consequência, muitos desses movimentos foram considerados heréticos pela Igreja. Às heresias, contudo, se podia responder de diversas maneiras: com paciência ou com impaciência. Progressivamente os bispos escolheram a impaciência⁸. Isto pontuará a forma como a Igreja se posicionou diante dos movimentos de resistência que serão abordados a seguir.

2. OS PRINCIPAIS MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA E SUAS BASES TEOLÓGICAS

Foucault vai chamar os movimentos de resistência de “contra conduta”, enquanto Comblin utilizará um termo teológico para a eles se referir, “profecia”. O critério do autor para discernir um espírito profético presente num grupo ou num indivíduo é muito simples: o profeta é aquele que, a partir da escuta da Palavra de Deus e da vivência do Evangelho de Jesus Cristo, assume a causa do “povo dos pobres”, como se refere o autor constantemente. Ele é uma pessoa marcada pela liberdade. Seu aparecimento é imprevisível, sendo fruto de uma ação do Espírito Santo em favor dos sem-vez e sem-voz. A palavra do profeta é pontual. Dirige-se sempre a uma situação concreta, historicamente situada, de tal maneira que ultrapassado o desarranjo a que se dirige, esta palavra não faz mais sentido. Ao mesmo tempo em que enfrenta as forças opressoras da sociedade, o profeta pede a conversão de toda a Igreja à tarefa de cuidado dos excluídos. Por isso, a profecia não se dá a despeito da Igreja, mas se dá como um carisma em seu interior⁹.

O autor apresenta os movimentos proféticos e o conteúdo das profecias da Igreja na Idade Média. O povo já não suportava mais as violências praticadas pelos grandes proprietários de terra. Havia um abismo entre ricos e pobres. A contradição estava no fato de que a própria Igreja era muito rica. Por outro lado, esses movimentos criticavam a corrupção e a riqueza do clero e da cúria, consequentemente seu poder sobre os demais. Também houve grupos que questionavam o profundo “comércio da fé” (simonia).

Esses movimentos encontraram resistência por parte da Igreja e buscaram uma maneira de manter sua identidade e seu objetivo, definindo um cristianismo oposto ao da Igreja. Sua busca de pobreza acaba numa acusação a ela e termina denunciando, na constituição da própria Igreja, as raízes de sua aliança com os ricos. Ou então submetem-se à ordem estabelecida¹⁰.

⁷ FOUCAULT, Michel. *Território, Segurança e População. Curso de 1977-1978 no College de France*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, pp. 218-219.

⁸ COMBLIN, José. *Quais os desafios dos temas teológicos atuais*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 28.

⁹ COMBLIN, José. *A profecia na Idade Média, In: A profecia na Igreja. 2a Ed.* São Paulo: Paulus, 2009, p.250.

¹⁰ COMBLIN, José. *O tempo da ação. Ensaio sobre o Espírito e a História*. Petrópolis: Vozes, 1982, p.189.



Os movimentos de pobreza iniciaram-se no século XII e inauguraram uma teologia da pobreza fundamentada na identificação de Cristo com os pobres. Alguns deles foram tolerados e outros não, por serem considerados heréticos ao denunciar os fundamentos teológicos dos privilégios do clero.

Um primeiro destaque dessas vozes proféticas foi Arnaldo de Bréscia, pregador que denunciava a riqueza e a corrupção do clero. Foi condenado como herege em 1139.

Valdez era um rico burguês que também criticava a riqueza do clero e que adotou para si uma vida de pobreza, compatibilizando-a ao que pregava. Dele surgiram os Valdenses, que foram proibidos de pregar por serem leigos. Foram anatemizados em 1184 pelo Papa Lucius II e tiveram que viver vida clandestina¹¹.

Em 1182, nasce em Assis, Francisco de Assis, o maior profeta do ocidente. Tornou a pobreza socialmente visível, pois a encarnou. Fez-se pobre, vivendo como tal. Na verdade, criou um movimento de pobreza assim como provocou o surgimento de outros movimentos com essa vocação. Não tinha planos de reforma da sociedade ou da Igreja, mas suas ações e suas palavras as sacudiu. Não atacou o clero, pelo contrário, se submeteu à organização eclesiástica. Apesar disso, talvez inconscientemente, desafiou a estrutura da cristandade, mostrando o evangelho que o clero havia esquecido¹².

Os espirituais franciscanos surgem como uma ordem mais moderada na questão da pobreza, uma vez que tinha bens e propriedades acumulados. Jean Pierre Olieu (1280) tenta trazer de volta o espírito franciscano de origem. Foi influenciado pelo Joaquinismo. Joaquim de Fiori havia dividido a história em partes, ou seja, a era do Pai, a do Filho e a do Espírito Santo. Acreditavam estar na última fase, que era a época da igreja espiritual, sem dominação, sem poder e que esta fora inaugurada na pessoa de Francisco de Assis¹³. Essa foi uma ideia que se firmou no movimento dos espirituais do fim do século XII; defendiam a necessidade de um “uso pobre”, ou seja, era necessária uma vida austera no meio das propriedades. A reação da Igreja a esse movimento foi muito forte, culminando com muitos deles queimados vivos.

Outro movimento marcante foi o das beguinas. Foi fundado por Lambert de Bergère, em 1180, início do século XII, nos Países Baixos. Era constituído de mulheres de profunda vida espiritual e dedicadas às obras de misericórdia, aos doentes, aos pobres e aos necessitados em geral. As beguinas não rejeitaram o sistema institucional da Igreja, porém, viviam uma vida cristã própria, livre e sem dependência do sistema impositivo do clero¹⁴. Entendiam que a relação matrimonial espiritual entre Deus e a mulher não estava subordinada a nenhum sacramento, nenhuma dogmática. A mística era uma religião de relação direta com Deus, sem passar pela mediação da instituição. Queriam uma renovação da Igreja, uma reforma do clero deformado pelo poder feudal. Deve-se destacar Marguerite Porete, que nasceu em 1250, no sudeste da Bélgica. Em 1296 escreveu o livro “O espelho das almas simples” que rapidamente

¹¹ COMBLIN, José. *A profecia na Idade Média*, In: *A profecia na Igreja*. 2a Ed. São Paulo: Paulus, 2009, p.127.

¹² COMBLIN, José. *A profecia na Idade Média*, In: *A profecia na Igreja*. 2a Ed. São Paulo: Paulus, 2009, p.134

¹³ Ibid, p.141

¹⁴ Ibid, p.145



se tornou popular e que viria a ser avaliado como material herético. Negando-se a abjurar, é condenada à fogueira pela Inquisição em 1310¹⁵.

Destaca-se também o teólogo Jan Hus, pregador e profeta da Bohemia, nascido em 1369, que proclamou a necessidade de uma reforma da Igreja. Denunciava a venda de favores divinos, bênçãos, cargos eclesiásticos, perdões, entre outros (simonia). Foi denunciado no Concílio de Constância por ordem do imperador Sigismundo, sobre quem havia afirmado: “Um imperador em estado de pecado mortal não é imperador aos olhos de Deus.” Foi condenado pela Inquisição e queimado no dia 6 de Julho de 1415¹⁶. Sua morte foi a causa do surgimento de um movimento revolucionário na Boemia chamado “guerras hussitas”.

Jerônimo de Praga foi um brilhante orador que considerava Jan Hus como seu mestre. Concordava com ele sobre a necessidade de denúncia da corrupção dentro da Igreja e da exploração do povo pobre pelo clero. É preso numa cilada quando se dirigia à cidade de Constância para defender Jan Hus. Foi também condenado à fogueira.

Outra voz que se ouviu foi a de Savonarola, que nasceu em Ferrara, em 1452. Foi um grande pregador que pregava para multidões. Seu tema básico era a reforma da Igreja. Lutou contra todas as formas de corrupção e simonia. Em suas pregações anunciava provações terríveis para a Igreja, seguidas por uma restauração maravilhosa. Foi proibido de continuar pregando pelo papa Alexandre VI. Desobedecendo à ordem, fez vários sermões em que denunciava a cúria romana como mundo de corrupção e de imoralidade. Foi excomungado em 1497 e enforcado em 1498¹⁷.

Apesar de não ser um movimento pertencente à Idade Média, destaca-se aqui a Reforma Protestante. Começa na Europa central, no início do século XVI, como uma renovação das profecias da Igreja Medieval, como mais um movimento na sucessão de tantos outros que não haviam conseguido a reforma da Igreja. Seus líderes queriam a reforma da Igreja e seu retorno às origens cristãs. Queriam expurgar do cristianismo tudo o que havia sido acrescentado a ele.

Buscaram efetivamente ser profetas dentro da Igreja e o objetivo da palavra profética era enfrentar a corrupção moral na Igreja, fundamentalmente por motivo de riqueza. Essas vozes proféticas também denunciaram os desvios da Igreja em sua doutrina. Atacaram, em primeiro lugar, questões como indulgências, o purgatório, o culto aos santos e a materialização da doutrina dos sacramentos, todos assuntos ligados à corrupção financeira da Igreja¹⁸. Além disso, focaram em denunciar a forma como os pobres deixaram de ocupar o lugar central para a Igreja. Suas propostas não foram aceitas e foram excomungados. Seu representante mais evidenciado, Martinho Lutero, publicou as famosas 95 teses contra as indulgências, o que culminou com sua excomunhão e conseqüente banimento em 1521.

¹⁵ SALVIANO ALMEIDA, Rute. *As beguinhas: mestres da vida e artesãs da alma*. In: *Uma voz feminina calada pela Inquisição*. São Paulo: Agnos, 2011, p.196.

¹⁶ COMBLIN, José. *A profecia na Idade Média*, In: *A profecia na Igreja*. 2a ed. São Paulo: Paulus, 2009, p.150.

¹⁷ Ibid, p.155

¹⁸ COMBLIN, José. *A profecia na Idade Média*, In: *A profecia na Igreja*. 2a Ed. São Paulo: Paulus, 2009, p.161.



CONCLUSÃO

Desde o surgimento da Igreja em Jerusalém, o Espírito Santo vem cumprindo seus propósitos no tocante à edificação da própria Igreja. As mudanças de época, bem como aquelas decorrentes do dinamismo dos aspectos culturais, associadas às tendências inerentes à alma humana, constituíram-se em causas de acertos e desacertos na própria história da Igreja. As posturas e formas de agir de seus líderes, particularmente na Idade Média, marcaram uma fase em que os citados desacertos parecem ter sobrepujado, e em muito, os acertos na questão comportamental do próprio clero, tendo consequências diretas na condução do povo de Deus.

O Espírito, contudo, é firme em seus propósitos para a Igreja de Cristo e, por mais que os homens caminhem guiados por seus equívocos, Ele redireciona a Igreja aos trilhos que conduzem aos propósitos estabelecidos por Deus.

Na Idade Média, a estratégia do Espírito passou pelo levantar de vozes proféticas que, corajosamente, denunciaram erros e clamaram por mudanças que reconduzisse a Igreja aos padrões primitivos dela mesma. Muitos foram sacrificados em nome dessa causa, pagaram com seu sangue, foram torturados, queimados vivos por serem os arautos da mensagem divina que denunciava os desvios praticados por aqueles que se posicionavam como os líderes infalíveis da Igreja de Cristo. Terá sido o sacrifício deles em vão? Certamente, não. Hoje são reconhecidos como agentes que provocaram uma tomada de consciência no sentido da correção dos erros cometidos na questão da infalibilidade, do poder irrestrito e da detenção da verdade absoluta. O principal, contudo, foi a efetiva busca da retomada de um posicionamento que orientasse as ações para a prioridade apontada aos menos favorecidos do mundo.

Ainda hoje, séculos depois, há muita resistência e muito a corrigir, mas muito se caminhou e a consciência desperta por parte da Igreja é uma realidade presente que certamente contribuirá para que os fatos caminhem para a consecução dos propósitos de Deus.

BIBLIOGRAFIA

- COMBLIN, José. *Quais os desafios dos temas teológicos atuais?* São Paulo: Paulus, 2005.
- COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade.* São Paulo: Paulus, 1998.
- COMBLIN, José. *O tempo da ação. Ensaio sobre o Espírito e a História.* Petrópolis: Vozes, 1982.
- COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a libertação.* Petrópolis: Vozes, 1987
- COMBLIN, José. *O povo de Deus e a instituição. O povo de Deus.* 2ª Ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- COMBLIN, José. *A profecia na Idade Média, In: A profecia na Igreja.* 2ª Ed. São Paulo: Paulus, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *Território, Segurança e População. Curso de 1977-1978 no College de France.* São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- SALVIANO ALMEIDA, Rute. *As beguinhas: mestres da vida e artesãs da alma.* In: *Uma voz feminina calada pela Inquisição.* São Paulo: Agnos, 2011.